

Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias

Maria Marta Pereira Scherre

Universidade Federal do Espírito Santo / Universidade Brasília (Brasil)
mscherre@gmail.com

Lilian Coutinho Yacovenco

Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil)
lilianyacovenco@yahoo.com.br

Anthony Julius Naro

Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
rionaro@gmail.com

Recibido o 15/09/2016. Aceptado o 15/05/2017

Nós and a gente in Brazilian Portuguese: agreement and disagreement

Resumo

Discutimos neste artigo o encaixamento linguístico da variação e mudança dos pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro. Analisamos as construções *nós* com o morfema plural –*mos* (*nós moramos/nós morávamos*), concordância plural; *nós* sem o morfema de plural –*mos* (*nós mora/nós morou/nós morava*), não concordância; *a gente* sem o morfema plural –*mos* (*a gente mora/a gente morou/a gente morava*), concordância singular. Análises conjuntas destas construções permitem entender dinâmicas sociolinguísticas da implementação de *a gente* no sistema pronominal do português brasileiro. Ancorados na Teoria da Variação e Mudança (Weinreich / Labov / Herzog 1968) e nas propostas de Naro / Görski / Fernandes (1999), remodeladas por Naro *et al.* (2017) e Scherre *et al.* (2014), reanalisamos 774 dados da fala da Baixada Cuiabana (estado do Mato Grosso, Centro-Oeste), variedade com traços característicos nítidos, e 1517 dados da fala de Vitória (capital do Espírito Santo, Sudeste), variedade sem traços característicos nítidos. Verificamos que a Baixada Cuiabana favorece *nós* e Vitória expande *a gente*. Ambas privilegiam *nós* com –*mos* no pretérito perfeito. A Baixada Cuiabana usa mais *nós* sem –*mos* no imperfeito e no presente de forma igual à do pretérito. Para evitar *nós* sem –*mos*, Vitória usa mais *a gente* sem –*mos* no imperfeito e no presente. Mais usos de *nós falamos*, *a gente falava* e *a gente fala* seguem fluxos de mais concordância em áreas urbanas (Naro / Scherre 2013). Os fatos observados revelam variação linguística ordenada e apontam resolução intuitiva de conflitos sociolinguísticos associados à concordância verbal variável.

Palavras-chave

Variação *nós* e *a gente*; português brasileiro; encaixamento linguístico; efeitos funcional, cognitivo e estrutural; dimensão geográfica; conflitos sociolinguísticos

Abstract

In this paper we discuss the linguistic embedding of variation and change in the 1st person plural pronouns *nós* and *a gente*, both used for ‘we’ in Brazilian Portuguese. We analyze *nós* with plural morpheme –*mos*; *nós* without plural morpheme –*mos*; *a gente* without plural morpheme –*mos*. Joint analysis of these constructions permits insight into the sociolinguistic dynamics of the entry and implementation of *a gente* in the pronominal system. Basing ourselves on the Theory of Variation and Change and the proposals of Naro / Görski / Fernandes (1999), Naro *et al.* (2017), and Scherre *et al.* (2014), we analyze data from the speech of Baixada Cuiabana and Vitória. Baixada Cuiabana exhibits a characteristic way of speaking, whereas speakers from Vitória do not exhibit special or defining speech characteristics. We find that Baixada Cuiabana favors *nós*, while Vitória prefers *a gente*. Both areas favor *nós* with –*mos* in the preterit. Baixada Cuiabana uses more *nós* without –*mos* in the imperfect and in the present with the same form as the preterit. In order to avoid *nós* without –*mos*, Vitória uses *a gente* without –*mos* more frequently in the imperfect and the present. Greater use of *nós falamos* ‘we spoke’, *a gente falava* ‘we used to speak’ and *a gente fala* ‘we speak’ fits in with the general tendency toward increased use of concord in urban areas (Naro / Scherre 2013). Our results reveal robust ordered linguistic heterogeneity and clarify the path followed by the speech community in minimizing sociolinguistic conflict in variable subject/verb agreement.

Keywords

Variation *nós* and *a gente* ‘we’; Brazilian Portuguese; linguistic embedding; functional, cognitive and structural effects; geographic dimension; sociolinguistic conflicts

Maria Marta Pereira Scherre recebe Bolsa de Pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e de Professor Visitante Nacional Sênior (PVNS) pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Anthony Julius Naro recebe Bolsa de Pesquisa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Sumario

1. Preliminares. 2. Variedades, amostras e exemplos das variantes analisadas. 2.1. Baixada Cuiabana e o falar cuiabano: amostra Dettoni (2003). 2.2. Vitória e a fala capixaba: amostra PortVix (Yacovenco *et al.* 2012). 2.3. Trechos com as três construções analisadas: *nós* com *-mos*, *nós* sem *-mos*, *a gente* sem *-mos*. 2.3.1. Exemplos da amostra da Baixada Cuiabana. 2.3.2. Exemplos da amostra de Vitória. 2.4. Resultados globais da fala da Baixada Cuiabana e de Vitória. 3. Análise e discussão do efeito do tempo e do tipo de paradigma verbal do modo indicativo. 4. Considerações finais.

Contents

1. Preliminaries. 2. Varieties, samples and examples of the variants analyzed. 2.1. Baixada Cuiabana and its speech: Dettoni sample (2003). 2.2. Vitória and its speech: PortVix sample (Yacovenco *et al.* 2012). 2.3. Examples of the three constructions analyzed: *nós*-with-agreement, *nós*-without-agreement, *a-gente*-with-agreement. 2.3.1. Examples from the Baixada Cuiabana sample. 2.3.2. Examples from the Vitória sample. 2.3.3. General results for the speech of Baixada Cuiabana and Vitória. 3. Analysis and discussion of the effect of tense and verbal paradigm type in the indicative mode. 4. Final remarks.

1. PRELIMINARES

Nosso objetivo central é apresentar resultados de uma análise que permite explicitar o encaixamento linguístico da variação e mudança com os pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro. Diversas pesquisas foram feitas no Brasil a respeito destes dois pronomes, com foco em análises binárias da concordância variável com *nós* ou com *a gente* e da alternância entre *nós* e *a gente*, em que se contrapõem:

1. a presença vs. ausência do morfema verbal de plural *-mos* com o pronome *nós* (Bortoni-Ricardo 1985: 210-215, 2011: 234-239; Cardoso 2005: 79-84; Coelho 2006: 124-140; Foeger 2014: 125-142; Lucchesi / Baxter / Silva 2009: 360-371; Mattos 2013: 82-101; Naro / Görski / Fernandes 1999: 204-207; Oushiro 2015: 161-197; Prandi 2005: 92-111; Rodrigues 2007: 124; Rubio 2012: 228-248; Zilles 2005: 36-37; Zilles / Maya / Silva 2000);
2. a presença vs. ausência do morfema verbal de plural *-mos* com o pronome *a gente* (Coelho 2006: 145-148; Mattos 2013: 101-108; Naro / Görski / Fernandes 1999: 207-210; Rubio 2012: 201-227);
3. a alternância entre os pronomes *nós* e *a gente* (Coelho 2006: 113-124; Foeger 2014: 125-142; Lopes 2001, 2003; Mattos 2013: 108-118; Mendonça 2010; Omena 1996, 2003; Omena / Braga 1996; Rubio 2012: 248-271; Seara 2000; Vianna / Lopes 2015; Zilles 2005: 36-37)

Sob a perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov 1972, 1994, 2001; Sankoff 1988a, 1988b; Sankoff / Tagliamonte / Smith 2005; Weinreich / Labov / Herzog 1968), analisamos dados de duas amostras bem distintas, uma da Baixada Cuiabana, no Estado de Mato Grosso, na região Centro-Oeste; outra de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo, na região Sudeste. Partimos das ideias de Naro / Görski / Fernandes (1999), remodeladas por Naro *et al.* (2017) e Scherre *et al.* (2014), que apontam três grandes tendências na concordância variável com *nós*, no português brasileiro:

1. resolução da ambiguidade pretérito entre pretérito perfeito (*nós dormimos*) e presente de forma igual (*nós dormimos*), com uso preferencial de *-mos* para o pretérito perfeito (*nós dormimos*) e de sua ausência para o presente (*nós dorme*);
2. uso preferencial de *-mos* para pretérito e presente de formas diferentes (*nós tivemos/nós temos; nós fomos/nós vamos* ou *nós somos*), sem possibilidade de ambiguidade, majoritariamente de oposição singular/plural mais saliente (*nós foi/nós fomos; nós tem/nós temos; nós vai/nós vamos; nós é/nós somos*);
3. redução de proparoxítonas (*nós dormia/nós tinha/nós ia/nós era* em vez de *nós dormíamos/nós tínhamos/nós íamos/nós éramos*) para manutenção natural do padrão fonológico do português brasileiro, preferencialmente paroxítono (Amaral 2002: 99).

Apresentamos uma análise quantitativa ternária em termos percentuais por meio do *Gold-Varb X* (Sankoff / Tagliamonte / Smith 2005), com foco na variável linguística tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo. Desta forma, buscamos contribuir para a compreensão do encaixamento linguístico dos usos de *nós* e *a gente* no português brasileiro, abrindo uma nova

frente de análise, em que se observam paralelamente três variantes em jogo, com resultados distribucionais robustos.

As três construções analisadas quantitativamente são:

1. *nós* com o morfema plural *-mos* (*nós dormimos/nós dormíamos*), com concordância plural: construção sem estigma, com registro padrão preferencial (Bechara 1999: 164; 554);
2. *nós* com o morfema plural *-mos* (*nós dorme/nós dormiu/nós dormia*), sem concordância: construção com estigma, sem registro padrão;
3. *a gente* sem o morfema plural *-mos* (*a gente dorme/a gente dormiu/a gente dormia*), com concordância singular: construção sem estigma, com registro de estatuto pronominal padrão emergente, ainda no campo destinado às observações no texto gramatical (Bechara 1999: 166).

Uma quarta construção, *a gente* com o morfema plural *-mos* (*a gente fomos/a gente perguntamos*), sem concordância, com estigma e registrada com reservas pela tradição gramatical (Bechara 1999:555), é fundamental para o entendimento do fenômeno como um todo. Verificamos que, com sujeito *a gente* expresso, a construção com *-mos* não ocorre na amostra da Baixada Cuiabana e totaliza menos de 1% na amostra de Vitória (nove casos em 1202 dados de sujeitos explícitos: 0,7%). Vamos retomar esta questão nas considerações finais, após analisarmos o efeito do tempo e do tipo de paradigma verbal do modo indicativo nas três construções mais frequentes, na busca do entendimento mais global do encaixamento linguístico deste fenômeno variável.

2. VARIEDADES, AMOSTRAS E EXEMPLOS DAS VARIANTES ANALISADAS¹

2.1. Baixada Cuiabana e o *falar cuiabano*: amostra Dettoni (2003)

A Baixada Cuiabana é uma área do Brasil central, no estado do Mato Grosso, região Centro-Oeste, que abarca “toda a região ribeirinha, cujo alcance geográfico inclui a capital de Mato Grosso, Cuiabá, e os municípios e vilarejos adjacentes que devem sua origem ao rio Cuiabá e seus afluentes, confluente e defluente” (Almeida 2005a: 21). A capital Cuiabá, fundada em 8 de abril de 1719, completou 297 anos em 2016. À época da organização da amostra pela professora Raquel Dettoni (2003: 103-110), na década de 2000, a Baixada Cuiabana contava com cerca de 900.000 habitantes. Os sujeitos da pesquisa gravados são cuiabanos típicos, predominantemente de áreas urbanas. A variedade desta localidade, o *falar cuiabano*, apresenta traços linguísticos avaliados conjuntamente como específicos, entre os quais se destacam:

1. presença da africada surda [tʃ] ou sonora [dʒ], em palavras que, em outras variedades do português brasileiro, se apresenta como fricativa alveopalatal, a exemplo de [ˈbatʃu] em vez de [ˈbaʃu], para *baixo*; [ˈpetʃi] em vez de [ˈpeʃi], para *peixe*; [ˈodʒi] em vez de [ˈoʒi], para *hoje*; [aˈdʒuda] em vez de [aˈʒuda], para *ajuda* (Almeida 2005b: 82-83; 89); e também de [ˈtʃapa] em vez de [ˈʃapa], para *chapa*, na expressão local *cuiabano de chapa e cruz* (Dettoni 2003: 18);
2. rotacismo generalizado dos grupos consonantais *bl*, *cl*, *gl*, *pl*, como em *assembleia* [asẽmˈbreia], *clareou* [krariˈo], *gleba* [ˈgreba], *planta* [ˈpranta] (Almeida 2005b: 82; 89), que pode se manifestar na escrita monitorada de pessoas com escolarização universitária (Cox 2005: 108-111);
3. concordância variável de gênero (a) no interior do sintagma nominal, (b) entre o predicativo e o sujeito e (c) na retomada de sintagmas nominais femininos no plano discursivo (Uai, Nenê! Cadê a *cozinheira* nosso? E pois tudu dia *ele* traz água e o café pra nós! Nós tudu dia *acorda* com *ele* aí com o café!” (Dettoni 2003: 32, com adaptações); ... vê *aquelas* *pessoa* menos favorecido, *aquelas* *peçoas são* tratados como menos favorecido (Pacheco 2010: 65, com adaptações).

¹ Nossos agradecimentos a Raquel Dettoni pela cessão da amostra da Baixada Cuiabana e a Alexandre Mendonça pela cessão do arquivo de dados com a codificação da alternância entre *nós* vs. *a gente* na amostra de Vitória.

Da Baixada Cuiabana, foram analisados 774 dados de *nós* e *a gente* em contextos variáveis na posição de sujeito, extraídos de entrevistas sociolinguísticas com 19 falantes, de quatro níveis de escolarização (sem escolarização; 1-4 anos; 5 a 8; 9 a 11; e mais de 11 anos), de ambos os sexos; e de três faixas etárias (15-25; 26-19; acima de 49).

2.2. Vitória e a fala capixaba: a amostra PortVix (Yacovenço *et al.* 2012)

Vitória, capital do estado do Espírito Santo, localiza-se na faixa litorânea do Brasil entre o Rio de Janeiro e a Bahia, na região Sudeste. Fundada em 8 de setembro de 1551, completou 465 anos em 8 de setembro de 2016. Segundo Yacovenço *et al.* (2012: 772),

a identidade linguística do capixaba não é fenômeno sobre o qual se tenha grande conhecimento. Pode-se afirmar, inclusive, que traços característicos dessa identidade não são imediatamente nítidos para quem entra no Espírito Santo pela Grande Vitória (...), nem mesmo para os próprios capixabas.

Trata-se de uma variedade identificada pelos capixabas pela ausência de *sotaque*, à semelhança do que acontece (ou acontecia) com a variedade brasileira em formação (Andrade de 2015; Barbosa 2002), na capital Brasília, que completou 55 anos de existência em 20 de abril de 2016.

O fato é que a fala capixaba não é prontamente identificada, diferentemente do que acontece, por exemplo, com a fala mineira, a carioca, a paulistana ou a paulista, todas da região Sudeste. Há diversos relatos de capixabas que, fora de seu estado, não são também linguisticamente identificados por outras pessoas. A fala de Vitória aproxima-se, por um lado, da fala da Bahia, pela ampla ausência de artigo definido diante de antropônimos e de possessivos (Campos Júnior 2011; Yacovenço *et al.* 2012: 800-802). Assemelha-se, por outro lado, à fala de Minas Gerais, e se distingue da fala do Rio de Janeiro, pelo uso de fricativas coronais alveolares, e não de alveopalatais, em coda silábica. Além disso, se aproxima da fala do Rio de Janeiro, pelo uso mais acentuado do pronome *você* e ausência quase completa do pronome *ocê* (Calmon 2010; Yacovenço *et al.* 2012: 797-800). São estes os três estados com os quais o Espírito Santo faz fronteira.

Para a compreensão desta variedade identificada internamente pela ausência de marcas, e não identificada externamente, foi organizado o projeto *Português falado na cidade de Vitória – PortVix*, entre 2001 e 2003, sob a coordenação de Yacovenço. Os sujeitos gravados são capixabas típicos, todos da cidade de Vitória (Yacovenço *et al.* 2012).

Até o presente momento de nossa pesquisa, analisamos 1517 dados extraídos de 40 das 46 entrevistas sociolinguísticas da amostra PortVix, com pessoas de três níveis de escolarização (1-8; 9-11; mais de 11 anos), de ambos os sexos; e de quatro faixas etárias (07-14; 15-25; 26-49; acima de 49 anos).

2.3. Trechos com as três construções analisadas: *nós* com *-mos*, *nós* sem *-mos*, *a gente* sem *-mos*

Os trechos (1), (2) e (3) são da amostra da Baixada Cuiabana e os (4), (5), (6) e (7) são da amostra de Vitória, devidamente identificados. Há diversos *super tokens*, nos termos de Tagliamonte (2012: 111), ou seja, “formas variantes do mesmo falante no mesmo trecho do discurso, e se possível com os mesmos itens lexicais ou em construções paralelas”². Mantivemos alguns traços característicos da fala da Baixada Cuiabana, identificados por símbolos fonéticos, a saber, africada [dʒ], já mencionada, e também a fricativa alveoplatal [ʃ] em final de sílaba, não precedida de semivogal anterior, e a vibrante múltipla [r̥]. Além disso, mantivemos alguns traços morfofônicos da fala de ambas as variedades, tais como a redução do verbo *estar* para *tá*, sem a sílaba inicial e sem a consoante final, e as diversas realizações do morfema *-mos* <-muS> ou <-mu>, que perde facilmente as realizações do arquifonema /S/ em final de sílaba na fala dos brasileiros (cf., por exemplo, Scherre / Macedo 2000: 61). Quando realizado, o /S/ pode se apresentar como

² No original: “(...) variant forms from the same speaker in the same stretch of discourse, and if possible with the same lexical items or in parallel constructions (...)”.

uma alveolar ou alveopalatal a depender da região; e como sonora ou surda, a depender do respectivo contexto seguinte: se sonoro; ou se surdo. Diante de pausa, a realização é sempre surda. Diante de vogal, a realização é sempre alveolar sonora. (Câmara Jr. 2002 [1970]; Silva 2009: 159).

As construções por nós analisadas estão em *italico* nos exemplos que se seguem: no item 2.3.1, para a amostra Baixada Cuiabana; e, no item 2.3.2, para a amostra de Vitória.

2.3.1. Exemplos da amostra da Baixada Cuiabana

(1) Então aquela parma benta *nós temo* ele com grande valor em nossa casa. Se vem um vento, *nós panha* três palminha dele e *põe* no fogo. Se *nós tá* com uma dor, *panha* três raminho, *cozinha* com boa fé que aquele é abençoado por Deus, a dor que for *nós tamos* curado dele. (Baixada Cuiabana, falante com a 1-4 anos de escolarização, do sexo feminino, com 39 anos de idade)

(2) *nóŕ tinha*... prantação lá, *nóŕ tinha* feijão, *tinha* milho, *tinha* aŕoŕ, mandioca, banana, tudo isso *nóŕ tinha* né, fazia farinha né, e: então sempre: tinha o que comer, *nói* num *tinha* dinheiro, mai o que comer *nóŕ* sempre *tinha* né, nunca faltava sem comer porque *a dŕgente morava* na beira da roça né, (...) (...) (...) Pois é, era um quarto grande né, eu num lembro se ela comprou ou se dero pra ela morar lá, eu sei que *nói mudamo* de lá da beira da roça e *fomo* morar lá, era... cobeŕto de capim e ba, e de baŕote, era já uma casinha bem melhor né, era duaŕ vez melhor do que aonde *nós morava* né, mas o: o piso num era piso assim, nem de: de concreto, que agora quando conStrói, quando, quando *a dŕgente mudou* aqui era só piso de concreto que tinha feito, aí o piso desse aqui *a dŕgente feŕ* depo... (Baixada Cuiabana, falante com a 1-4 anos escolarização, do sexo masculino, com 65 anos de idade)

(3) (...) atravéŕ da merendeira *nós ficamos* sabendo a vontade dos aluno, do que eles mais gostam, daŕ comida que eleŕ gostam, então ai a merendeira participa do... da reunião do cardápio (...) (...) (...) E só pode comprar mediante o que *programamo* no cardápio, senão volta a prestação de conta, e não pode. Não pode ir comprando qualquer coisa que vem na cabeça, tem que ser o que *programou* no cardápio, o que está no cardápio tem que ser comprado³. (Baixada Cuiabana, falante com mais de 11 anos escolarização, do sexo masculino, com 40 anos de idade)

2.3.2. Exemplos da amostra de Vitória

(4) Não, *nós toma* bastante cuidado, caixa bem tampada, *não deixa* água no quintal, nada. Às vezes, nós, de vez em quando *tamo* limpando o terreiro, pra não deixar acumular muita coisa... (...) que *a gente não pode*... só depender também dos outros, *a gente tem* que tomar providência... Agora... *a gente tem* que fazer a parte da gente e eles faz a parte deles. (Vitória, falante com 8-11 anos de escolarização do sexo masculino, de 26-49 anos de idade)

(5) (...) *nós reunia* aqui nessa igreja Monte Sinai aquela grandona lá em baixo ... agora eu passei até que tem uma congregaçãozinha aqui da Batista pequenininha né? aí o pastor muito amigo da gente ... *aí a gente tá* aqui pra dar uma força assim né? Pra... (...) *a gente vai* ter que fazer tem bazar ... é... eu levo as coisa pra bazar... pra ajudar um pouco né? a igreja né? mas *nós somos* tudo de... de baixo da Monte Sinai... (Vitória, falante com 8-11 anos de escolarização, do sexo feminino, de mais de 49 anos de idade)

(6) Essa noite *nós nem dormiu*. Começou a chovê cedo. *Nós dormiu* no outro dia, à noite ainda. *Ficamo* até cinco hora da manhã tirando água de dentro de casa. Depois que a água abaixô, *nós fomo lavá tudo*. (Vitória, falante com 8-11 anos de escolarização, do sexo feminino, de mais de 26-49 anos de idade)

(7) (...) O pessoal daqui é pobre mas é limpinho né? *Nóis* é pobre, mas *nóis* é limpinho... Minha irmã mesmo ela vende cachorro quente, mas também, ela pega luva... (Vitória, falante com 11 anos de escolarização, do sexo masculino, de 15-25 anos de idade)

Relembramos que, com relação à variante *a gente* com *-mos* com sujeito expresso (*a gente fomos*), com estigma, não observamos nenhum caso na amostra da Baixada Cuiabana e identificamos nove casos na amostra de Vitória. Enfatizamos que vamos voltar aos casos desta quarta construção, depois de apresentarmos nossa análise em termos da variável linguística tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo, o foco central deste artigo.

³ O exemplo focalizado de *nós* sem o morfema de plural *-mos* pode ser ambíguo. Se não interpretado como retomando *nós*, em *nós ficamos*, a amostra da Baixada Cuiabana não apresenta nenhum caso de não concordância no pretérito perfeito (Tabela 2).

2.4. Resultados globais da fala da Baixada Cuiabana e de Vitória

As duas variedades de fala e as suas duas amostras analisadas são bem distintas. Nisto reside a importância das *concordâncias* e *discordâncias* dos resultados obtidos (Tabelas 1 e 2). A quantidade de dados da Baixada Cuiabana (774) é pouco mais do que a metade dos dados de Vitória (1517), mas a quantidade de falantes pesquisados é proporcional: um a menos da metade na Baixada Cuiabana (19 falantes) do que em Vitória (40 falantes). Então, a ocorrência global dos dados analisados é regular. Além disso, o percentual de uso de *nós* com *-mos*, variante padrão, é praticamente igual: 26,0% para a Baixada Cuiabana e 26,6% para Vitória.

O percentual de uso de *nós* sem *-mos*, variante com forte estigma urbano, é, entretanto, muito diferente entre as duas localidades: 28,7% para a Baixada Cuiabana e 3,8% para Vitória, o que se interpreta em função de configuração social e geográfica das duas amostras, cuja análise não é objeto do presente texto. Diferentes também, mas com tendências crescentes, são os percentuais de uso de *a gente* sem *-mos*, variante sem estigma em qualquer localidade ou variedade: 45,3% para a Baixada Cuiabana e 69,7% para Vitória. Assim, em termos de diferenças em pontos percentuais, as duas variedades se distinguem de forma inversa com relação ao uso da variante com estigma: 25 pontos a mais para a Baixada Cuiabana (28,7%-3,8%); e, da variante sem estigma, 24 pontos a mais para Vitória (69,7%-45,3%).

Variantes	<i>Nós</i> com <i>-mos</i> Concordância plural		<i>Nós</i> sem <i>-mos</i> Não concordância		<i>A gente</i> sem <i>-mos</i> Concordância singular	
	Construção sem estigma, com registro padrão preferencial		Construção com estigma explícito, sem registro padrão		Construção sem estigma, com registro padrão marginal	
	<i>Nós dormimos</i>		<i>Nós dormiu</i> <i>Nós dorme</i>		<i>A gente dormiu</i> <i>A gente dorme</i>	
	<i>Nós fomos</i> <i>Nós vamos</i> <i>Nós morávamos</i>		<i>Nós foi</i> <i>Nós vai</i> <i>Nós morava</i>		<i>A gente foi</i> <i>A gente vai</i> <i>A gente morava</i>	
Amostras						
Baixada Cuiabana (19 falantes)	201/774	26,0%	222/774	28,7%	351/774	45,3%
Vitória (40 falantes)	403/1517	26,5%	57/1517	3,8%	1057/1517	69,7%

Tabela 1. Distribuição global dos usos de *nós* e *a gente* na fala da Baixada Cuiabana e de Vitória: análise ternária

Outro aspecto digno de nota é que, nas duas amostras, a variante estigmatizada, sem concordância, ocorre com menos frequência do que as duas variantes não estigmatizadas, que, em conjunto, totalizam 71,3% para a amostra da Baixada Cuiabana e 96,2% para a amostra de Vitória. Como observamos anteriormente, a outra variante estigmatizada, *a gente* com *-mos*, com sujeito expreso, ainda não foi encontrada na amostra da Baixada Cuiabana e é da ordem de 1% na amostra de Vitória. Assim, a grande generalização é: faça mais concordância, seja ela plural, por meio do morfema verbal expreso associado ao sujeito *nós*; seja ela singular, por meio de morfema verbal zero associado ao sujeito *a gente*.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO EFEITO DO TEMPO E DO TIPO DE PARADIGMA VERBAL DO MODO INDICATIVO

A motivação para analisar os dados sob uma abordagem ternária e para focalizar o tempo e o tipo de paradigma verbal no modo indicativo nos usos de *nós* e *a gente* no português brasileiro decorreu de três fatos fundamentais:

1. a conclusão instigante de Naro / Görski / Fernandes (1999: 210) de que “é possível prever um período futuro em que *-mos* pode ser categoricamente pretérito e zero categoricamente não pretérito na primeira pessoa do plural”, ao analisarem, separadamente, os usos de presença vs. ausência de *-mos* com *nós* e presença vs. ausência de *-mos* com *a gente*, sob uma perspectiva binária, com dados de uma amostra gravada no início dos anos de 1980, com 64 pessoas do Rio de Janeiro, de nível sócio-econômico baixo, com quatro faixas etárias (Naro / Görski / Fernandes 1999: 202);
2. a conclusão de diversos estudos sobre a alternância *nós* vs *a gente* no sentido de que o pretérito perfeito tende a favorecer *nós* e o pretérito imperfeito tende a favorecer *a gente* direta ou indiretamente associados ao grau de saliência fônica na oposição singular/plural (Foeger 2014: 102; Lopes 2003: 145; Mendonça 2010: 84; Omena 1996: 202, 2003: 70; Prandi 2005: 92-111; Rodrigues 2007: 124; Seara 2000: 183; Rubio 2012: 245; Vianna / Lopes 2015: 121-123);
3. a conclusão contundente de Foeger (2014: 127, 132) de que, na análise de *nós* com *-mos* vs. *nós* sem *-mos* em uma amostra da fala da área rural de Santa Leopoldina, estado do Espírito Santo, o pretérito perfeito favorece quase categoricamente o uso de *-mos* (288/289=99,7%), o pretérito imperfeito desfavorece quase categoricamente o uso de *nós* com *-mos* (1/283=0,4%) e o presente apresenta variação com presença vs. ausência de *-mos* (99/245=40,4%), diretamente proporcional à hierarquia da saliência fônica na relação singular/plural, como estabelecida por Naro / Görski / Fernandes (1999: 203).

Para melhor compreender estes fatos, organizamos uma variável com a conjugação de tempo verbal e do tipo de paradigma verbal, levando em conta a ambiguidade potencial dos registros da tradição gramatical em formas como *falamos*, que se encontram registradas para primeira pessoa plural nos paradigmas do presente do indicativo e do pretérito perfeito do indicativo, como já salientado por Naro / Görski / Fernandes (1999: 209). Na organização detalhada desta variável, consideramos também a escala da saliência fônica na relação singular/plural dos verbos para a primeira pessoa plural, com cinco níveis, em sobreposição e em competição com tempo verbal, nos termos de Naro / Görski / Fernandes (1999: 202-210), escala também analisada por diversos trabalhos relacionados na Seção 1 deste texto, mas não diretamente focalizada neste artigo.

Na síntese final da variável *tempo e tipo de paradigma verbal*, estabelecemos cinco fatores, exemplificados no Quadro 1, para as três construções.

Para os verbos com formas iguais de pretérito perfeito e presente do indicativo, com exemplos no Quadro 1 e distribuição na Tabela 2, levamos em conta os paradigmas verbais regulares da primeira, segunda e terceira conjugações, representados na tradição gramatical por *cantar*, *vender* e *partir* (Bechara 1999: 250-251). Nestes paradigmas, as formas do registro padrão para primeira pessoa do plural no presente do indicativo e no pretérito do indicativo são iguais, ou seja, no plano estrito da forma verbal, não há como distinguir se as formas *amamos/vendemos/partimos* são tempo presente ou pretérito perfeito do indicativo. Potencialmente, as construções *nós amamos/nós vendemos/nós partimos* são ambíguas. Controlamos também verbos de paradigmas irregulares como *ler*, *sair*, *conseguir*, *subir*, *fugir* e *rir*, com alterações na conjugação de alguns tempos, normalmente no presente do indicativo, mas com formas de primeira pessoa do plural para o presente e pretérito do indicativo também idênticas (*lemos / saímos / conseguimos / subimos / fugimos / rimos*).

Assim, aos contextos reais de pretérito perfeito no discurso dos falantes, atribuímos o fator *pretérito perfeito igual ao presente* (item 1a no Quadro 1); e, para os contextos reais de presente, atribuímos outro fator *presente igual ao pretérito perfeito* (item 1b no Quadro 1). Todas as oposições verbais da categoria 1a são de maior saliência fônica na relação singular/plural (*morou/moramos; dormiu/dormimos*), os níveis mais altos da escala da saliência, nos termos de Naro / Görski / Fernandes (1999: 203), porque a porção que envolve a vogal temática e o morfema de número e pessoa, nestes casos, é tônica nos dois elementos dos pares. Diferentemente, as oposições verbais da categoria 1b são majoritariamente de menor saliência fônica na relação singular/plural (*mora/moramos; dorme/dormimos*), porque a porção pertinente é tônica apenas

no segundo elemento dos pares. Segundo os autores, “a dimensão básica [da hierarquia da saliência] é o acento” (Naro / Görski / Fernandes 1999: 202)⁴.

Variantes Fatores	Nós com –mos Concordância plural Construção sem estigma com registro padrão preferencial	Nós sem –mos Não concordância Construção com estigma sem registro padrão	A gente sem –mos Concordância singular Construção sem estigma com registro padrão marginal
(1a) Pretérito perfeito igual ao presente (<i>dormimos/dormimos</i>)	Nós <i>dormimos</i> lá	Nós <i>dormiu</i> no outro dia	A gente <i>dormiu</i> Aqui
(1b) Presente igual ao pretérito perfeito (<i>moramos/moramos</i>)	Nós <i>moramos</i> aqui, minha mãe tem uma loja aqui	...porque nós <i>mora</i> numa avenida assim	A gente <i>mora</i> de aluguel
(2a) Pretérito perfeito diferente do presente (<i>fomos/vamos</i>)	Aí nós <i>fomos</i> morar lá	Nós <i>foi</i> prá igreja crente	A gente <i>foi</i> criado com isso
(2b) Presente perfeito diferente do pretérito (<i>vamos/fomos</i>)	Hoje nós <i>vamos</i> ...	Nós <i>vai</i> fazê um barraco	A gente às vezes <i>vai</i> pulando as páginas
(3) Imperfeito (<i>morávamos</i>) (<i>tinhamos</i>)	Eu lembro onde nós <i>morávamos</i> Nós <i>tinhamos</i> chegado em Vitória	Nós <i>morava</i> com minha vó Nós <i>tinha</i> um quintal	A gente <i>morava</i> na beira da roça A gente não <i>tinha</i> medo de nada, né?

Quadro 1. Exemplos da categorização da variável *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo*

Para os verbos com formas diferentes de pretérito perfeito e de presente do indicativo (itens 2a e 2b no Quadro 1), controlamos os verbos de paradigmas irregulares, em que não há possibilidade de ambiguidade, tais como *ter, ser, (es)tar, ir, vir, poder, saber*. Neste caso, criamos também dois fatores: (2a) *pretérito perfeito com forma diferente do presente (tivemos/fomos/viemos/pudemos/soubemos)*; (2b) *presente com forma diferente de pretérito (temos/vamos/somos/podemos/sabemos)*. Mais de 65,0% dos casos de 2a (*foi/fomos*) e mais de 80% dos casos de 2b (*tem/temos; tá/tamos, vai/vamos; é/somos*) são de maior saliência fônica na relação singular plural, também nos termos estabelecidos por Naro / Görski / Fernandes (1999: 203). Mais especificamente, apresentam oposição acentuada nos dois elementos dos pares, envolvendo a vogal temática e o morfema de número e pessoa, ou apresentam distinção completa (*é/somos*).

Para os verbos no imperfeito do modo indicativo (item 3 no Quadro 1), controlamos os paradigmas regulares e irregulares e estabelecemos, ao final, um quinto fator, o *imperfeito* do indicativo. Estes verbos ocupam a base da escala da saliência fônica de Naro / Görski / Fernandes (1999: 203) (*morava/morávamos; dormia/dormíamos; tinha/tínhamos; era/éramos; (es)tava/(es)távamos*). A porção pertinente, nestes casos, é átona nos dois elementos dos pares, embora se crie uma palavra proparoxítona na forma plural, configuração fonológica menos frequente no português brasileiro. Na análise final de Naro / Görski / Fernandes (1999: 203), estes dados não foram considerados porque o principal foco destes autores era de natureza morfossintática e morfofonológica, mas, para uma visão de conjunto do encaixamento linguístico de *nós* e *a gente*, consideramos necessário que eles sejam também incorporados à análise⁵.

⁴ No original: “The basic dimension in this hierarchy is stress...”

⁵ Ao final da redação deste texto, verificamos que Coelho (2006: 137-138), para a análise da presença vs. ausência de *-mos* com *nós*, também analisou estes fatores em sua pesquisa, com os quais a nossa proposta se identifica, embora parcialmente, porque seu olhar é binário.

Os resultados de *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo* da análise ternária na Tabela 2 revelam concordâncias e discordâncias interessantes quanto aos usos de *nós* e *a gente* nos dados da Baixada Cuiabana (BC) e nos de Vitória (VIT). Vejamos estas questões tendo em vista as relações internas entre os percentuais dos diversos fatores das três variantes e os desvios em relação às médias de cada variante, para cada amostra, na última linha da tabela 2.

Fatores	Amostras	Variantes					
		Nós com -mos Concordância plural		Nós sem -mos Não concordância		A gente sem -mos Concordância singular	
		Construção sem estigma com registro padrão preferencial		Construção com estigma sem registro padrão		Construção sem estigma com registro padrão marginal	
		n/N	%	n/N	%	n/N	%
(1a) Pretérito perfeito igual ao presente	BC	29/39	74,3%	1/39	2,6%	9/39	23,1%
	VIT	158/237	66,7%	4/237	1,7%	75/237	31,6%
(1b) Presente igual ao pretérito perfeito	BC	23/202	11,4%	72/202	35,6%	107/202	53,0%
	VIT	27/349	7,7%	4/349	1,2%	318/349	91,1%
(2a) Pretérito perfeito diferente do presente	BC	25/41	61,0%	1/41	2,4%	15/41	36,6%
	VIT	70/112	62,5%	1/112	0,9%	41/112	36,6%
(2b) Presente diferente do pretérito perfeito	BC	107/239	44,8%	29/239	12,1%	103/239	43,1%
	VIT	134/523	25,6%	10/523	1,9%	379/523	72,5%
(3) Imperfeito	BC	17/253	6,7%	119/253	47,0%	117/253	46,3%
	VIT	14/296	4,7%	38/296	12,9%	244/296	82,4%
Total	BC	201/774	26,0%	222/774	28,7%	351/774	45,3%
	VIT	403/1517	26,5%	57/1517	3,8%	1057/1517	69,7%

Tabela 2. Efeitos percentuais da variável *tempo e tipo de paradigma verbal no modo indicativo* nos usos de *nós* e *a gente* na fala da Baixada Cuiabana (BC) e de Vitória (VIT): análise ternária

Os resultados de *nós com -mos*, a variante padrão preferencial, sem estigma, com médias quase idênticas de 26,0% para a BC e de 26,6% para VIT, revelam que:

1. O pretérito perfeito favorece a presença de *-mos* nas duas variedades em qualquer tipo de paradigma: 74,3% e 67,7%, com forma igual à do presente; 61,0% e 62,5%, com forma diferente do presente, para BC e VIT, respectivamente, à revelia, portanto, da ambiguidade potencial. O pretérito perfeito se manifesta preferencialmente pela presença de *-mos*. Mais de 80,0% destes casos são de oposição singular/plural mais saliente (*gastou/gastamos; comeu/comemos; subiu/subimos; foi/fomos*).
2. O presente com forma igual à do pretérito desfavorece a presença de *-mos* nas duas variedades: 11,4% para a BC; 7,7% para VIT. Nestes casos de presente, entra em jogo a ambiguidade potencial. Ausência de *-mos* é, em verdade, marca de presente. Mais de 95,0% destes casos são de oposição singular/plural menos saliente (*leva/levamos; vive/vivemos; sente/sentimos; pede/pedimos*).
3. O presente de forma diferente do pretérito, relativamente ao presente de forma igual, favorece a presença de *-mos*: 44,8% de *-mos* na BC; 25,6% em VIT. Nestes casos de presente, não há ambiguidade entre pretérito perfeito e presente (*-mos* não é marca de pre-

térito perfeito). Então, nestes casos, *-mos* pode também ser usado, sem possibilidade de interpretação de pretérito perfeito. Cerca de 80% destes casos são de oposição singular/plural mais saliente (*tem/temos; dá/damos; vai/vamos; é/somos*) e cerca de 20% são de oposição menos saliente (*pode/podemos; deve/devemos; sabe/sabemos*).

4. O imperfeito desfavorece a presença de *-mos*: 6,7% para a BC; e 4,7% para VIT. Estes casos são todos de oposição menos saliente. Assim, a baixa saliência (*falava/falávamos*) e a esquiva da proparoxítona com o morfema de plural *-mos* (*falávamos*), motivada pelo padrão fonológico preferencialmente paroxítono do português brasileiro, provocam a ausência de *-mos*.

Os resultados de *nós* sem *-mos*, a variante com estigma e sem registro pela tradição gramatical, com médias bem diferentes, de 28,7% para a BC e de 3,8% para VIT, revelam que:

1. O pretérito perfeito desfavorece fortemente *nós* sem *-mos* nas duas amostras também com qualquer tipo de paradigma: 2,6% e 1,7%, com forma igual à do presente; e 2,4% e 0,9%, com forma diferente do presente, para BC e VIT respectivamente, também à revelia da possibilidade de ambiguidade. Assim, construções como *nós dormiu* e *nós foi* são de rara ocorrência nas duas variedades analisadas.
2. O presente com forma igual à do pretérito, por sua vez, desfavorece fortemente *nós* sem *-mos* em VIT, com 1,2%, mas é bastante utilizado com essa variante na BC, com 35,6%. Nestes casos de presente, há possibilidade de ambiguidade com o pretérito perfeito se *-mos* for usado (*nós moramos*). BC usa *nós* sem *-mos* como construção de presente (*nós mora*) e VIT a evita, tendo em vista a configuração social e geográfica das duas amostras: *nós* sem *-mos*, *relembamos*, é uma construção não registrada pela tradição gramatical, com forte estigma explícito na comunidade brasileira, em especial na comunidade com mais letramento. Como enfatizamos mais à frente, VIT resolve este conflito sociolinguístico com o uso de *a gente* sem *-mos* (*a gente mora*).
3. O presente de forma diferente do pretérito desfavorece também fortemente a ausência de *-mos* em VIT, com 1,9%, mas aponta relativa possibilidade da ausência de *-mos* na BC, com 12,1%, o que reforça maior amplitude de ausência de *-mos* como indicador de tempo presente para a BC, bem como uso mais natural da estrutura com estigma.
4. O imperfeito revela bastante favorecimento de ausência de *-mos* na BC, 47,0% e percentual também nada desprezível de 12,9% em VIT, tendo em vista a média de *nós* sem concordância muito baixa, de 3,8%, neste segundo caso. Trata-se do contexto mais favorcedor da ausência de *-mos* nas duas variedades, indicando maior amplitude do efeito estrutural do padrão fonológico do português brasileiro de evitar proparoxítonas, embora a ausência de *-mos* nestas construções também gere uma construção estigmatizada e não registrada pela tradição.

Os resultados de *a gente* sem *-mos*, construção com registro marginal pela tradição, mas sem estigma (com médias também diferentes, de 45,3% para a BC e de 69,7% para VIT), revelam que:

1. O pretérito perfeito apresenta os percentuais relativamente mais baixos de *a gente* sem *-mos* nas duas variedades em qualquer paradigma: 23,1% e 31,6% com forma igual à do presente; e 36,6% e 36,6%, com forma diferente do presente para BC e VIT, respectivamente. Assim, construções como *a gente dormiu* e *a gente foi* são menos frequentes, mas não de ocorrência rara.
2. Os maiores percentuais de usos de *a gente* sem *-mos* encontram-se na variedade de VIT com o presente de forma igual à do pretérito, com 91,1% (*a gente mora*), e com imperfeito, com 82,5% (*a gente morava*), ou seja, exatamente nos contextos em que a variante estigmatizada pode ocorrer, caso não seja usado o morfema de plural *-mos* com o pronome *nós*. Assim, esta porta de entrada para o *a gente* sem *-mos* (*a gente mora/a gente morava*) permite evitar estruturas estigmatizadas. Este amplo uso se expande também para os contextos de presente com forma diferente de pretérito, com 72,6% de usos de *a gente* sem *-mos*. Estes três contextos são responsáveis por 77,0% das ocorrências de

a gente sem *-mos* da variedade de VIT (1.168/1517). Relembramos que estamos diante de usos de estruturas com concordância, embora seja concordância morfológicamente singular.

3. Também há uso crescente *a gente* sem *-mos* na fala da BC. Há 53,0% com presente de forma igual à do pretérito, 46,3% com o imperfeito e 43,1% com presente de forma diferente do pretérito, embora a BC, pelas condições peculiares do *falar cuiabano* e também por diferenças sociais e geográficas entre as amostras, apresente, sem sombra de dúvidas, maiores usos da variante com estigma explícito, mas possivelmente sem estigma interno, como outros traços peculiares ao *falar cuiabano*, exemplificados no item 2.1 deste texto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fatos apresentados nos permitiram contribuir para a compreensão do encaixamento linguístico dos usos de *nós* e *a gente* envolvidos nos processos de concordância e de alternância, que têm sido tratados separadamente.

Uma primeira questão que salta aos olhos é que o morfema *-mos* é preferencialmente marca de pretérito perfeito independentemente da ambiguidade potencial: mais de 80,0% dos casos de pretérito perfeito nas duas amostras são de alta saliência fônica na escala proposta por Naro / Görski / Fernandes (1999: 203). Há um processo de iconicidade: o tempo mais marcado, o pretérito perfeito, recebe preferencialmente a marca explícita, o *-mos*. É interessante registrar que, dos nove casos de *a gente* com *-mos* com *a gente* expresso identificados na amostra de Vitória, oito (88,8%) são de pretérito perfeito (*a gente fomos/a gente comemos*). Embora o pretérito perfeito não se realize categoricamente por meio de *-mos* nestas duas amostras, ele se expressa preferencialmente por meio deste morfema, quando usado o pronome *nós* (*nós dormimos/nós fomos*). Em outras palavras, o pretérito perfeito também pode ser expresso por meio de *a gente* sem *-mos* (*a gente dormiu/a gente foi*), só que não preferencialmente. Ambas as estruturas são de presença de concordância, uma de concordância plural, outra de concordância singular. Além disso, *nós* com *-mos* pode também ocorrer em formas de presente de oposição mais saliente, sem relação com a ambiguidade potencial. Aliás, o comportamento de formas de ambiguidade potencial em contextos de não ambiguidade discursiva ainda está por ser analisado: é a nossa próxima e imediata tarefa. O controle dos dados do subjuntivo e do infinitivo é outra tarefa imediata.

A segunda questão que também salta aos olhos com a análise ternária é o entendimento da porta de entrada de *a gente* sem *-mos*, pelo imperfeito e pelo presente, em especial pelo presente que pode ter a mesma forma do pretérito. Na possibilidade real de produção de *nós* sem *-mos*, seja por força natural da prosódia do português brasileiro, que evita construções proparoxítonas, seja para desfazer ambiguidade potencial e assegurar uma leitura de tempo presente, o que gera estruturas com *a gente*, sujeitas ao preconceito e à intolerância linguística pela comunidade de fala brasileira letrada (Scherre / Naro 2014), a ampliação e a expansão dos usos de *a gente* sem *-mos*, com especial força em áreas urbanas mais amplas, se apresentam como uma estratégia intuitiva, que permite resolução de conflitos sociolinguísticos, por meio de mais usos de estruturas com concordância⁶.

Enfatizamos a expansão e ampliação de *a gente* sem *-mos* porque diversos estudos do português brasileiro no contínuo do rural e do urbano apontam uso extremamente baixo de *a gente* com *-mos* com sujeitos expressos, da ordem de 1%, diferentemente do português europeu, da ordem de 13,5%, segundo Rubio (2012: 287).

A baixa frequência de *a gente* com *-mos* em diversas amostras da grande comunidade de fala brasileira é registrada:

⁶ Fizemos duas análises binárias para os dados das duas amostras separadamente, em que analisamos *nós* com concordância vs. *nós* sem concordância; e *a gente* com concordância vs. todos os casos de *nós*. Nas quatro análises, a variável *tempo* e *tipo de paradigma verbal no modo indicativo* foi selecionada pelo programa *GoldVarbrul X* (Sankoff / Tagliamonte / Smith 2005) como estatisticamente significativa.

1. na região Centro-Oeste, em Brazlândia, grande Brasília, cidade satélite ao redor da atual capital do Brasil, Brasília (Bortoni-Ricardo 1985: 211-2121, 2011: 236); e na área urbana do estado de Goiás, 5 casos em 1327 dados: 0,4% (Mattos 2013: 102);
2. na região Sul, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul – um caso em 1337 dados: 0,07% (Zilles 2005: 36-36);
3. na região Sudeste, na área rural de Santa Leopoldina, no estado do Espírito Santo – um caso em 1136 dados: 0,09% (Foeger 2014: 73, 96); no interior do estado de São Paulo, em São José do Rio Preto - 15 casos em 1413 dados: 1% (Rubio 2012: 287); na periferia da cidade de São Paulo, no bairro Brasilândia – 3 casos em 303 dados: 1% (Coelho 2006: 146).

Usos de *a gente* com o morfema de plural *-mos*, construção sujeita a forte estigma no português brasileiro, pode, repetimos, chegar a 13,5% no português europeu: 20 casos em 149 dados (Rubio 2012: 287), embora, no português europeu, não haja registro de variação de uso de *-mos* com o pronome *nós*, categoricamente com o morfema *-mos* (Araujo 2012: 99-107; Rubio 2012: 262).

Usos de *nós falamos*, *nós fomos*, *nós vamos*, *nós temos* e mais usos de *a gente falava* e *a gente fala* seguem fluxos de mais concordância (Naro / Scherre 2013). Assim, a implementação de uma variante não estigmatizada - *a gente* sem *-mos* -, com concordância singular, se dá para evitar uma variante estigmatizada - *nós* sem *-mos*, sem concordância plural.

Em síntese, por meio da análise ternária de *nós* com *-mos*, *nós* sem *-mos* e *a gente* sem *-mos*, evidenciamos a resolução de conflitos sociolinguísticos urbanos explícitos, associados à concordância verbal variável, por meio de trilhas linguísticas fortemente estruturadas. Explicitamos assim a hipótese levantada por Zilles (2005: 50), com a nossa releitura entre colchetes:

a gente fornece uma forma segura de evitar o forte estigma associado à ausência de concordância, ou seja, dada a escolha entre fazer um erro de concordância [de fato, não fazer concordância com o pronome *nós*] e usar uma forma não padrão [de fato, sem estigma], mas generalizada do novo pronome [*a gente*], as pessoas preferem esta segunda opção⁷.

Estamos ampliando as análises a múltiplas mãos com a incorporação de outras duas amostras: uma, da área rural de Espírito, que apresenta o pretérito perfeito expresso quase categoricamente pelo morfema *-mos* (Foeger 2014); outra, da área urbana de Goiás, que apresenta mais usos de pretérito perfeito sem *-mos* (Mattos 2013).

Também está na nossa agenda de trabalho a discussão das trilhas sociais pelas quais transitam as diversas comunidades de fala brasileira, tendo em vista que a variante *nós* sem *-mos* no pretérito perfeito (*nós falou/nós foi*), embora estigmatizada e não tolerada por comunidades letradas, pode ter usos mais amplos do que os aqui detectados, em outras comunidades de fala distintas, como indicam, por exemplo, Bortoni-Ricardo (1985: 212), Rodrigues (1987: 151), Coelho (2006: 137), Lucchesi / Baxter / Silva (2009: 368), mas ainda com análises binárias da concordância variável com o pronome *nós*.

O fato é que o encaixamento social é outra vertente de grande interesse para este tema, tendo em vista que, nos termos de Mattos (2013), construções de *nós* sem *-mos* são marcas identitárias de grupos que as utilizam sem reservas, com ou sem consciência de seus usos. Nesta caminhada, além da incorporação de outras amostras, de análises ternárias em termos percentuais, de análises binárias com pesos relativos, outra construção se faz presente e importante, a que envolve o uso do morfema verbal *-emo* (*nós falemo*), com predominância em contexto de pretérito perfeito, com usos restritos a variedades rurais brasileiras e também encontrada em variedades do português europeu, com registros em trabalhos da dialetologia portuguesa (Braga 1971: 145; Cruz 1991: 117).

O fato é que a pesquisa não para.

⁷ No original: "(...) *a gente* provides a safe way of avoiding the heavy stigma associated with omitted agreement, that is, given the choice between making a mistake in agreement and using a nonstandard but generalized new pronoun, people prefer the second option".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Manoel Mourivaldo Santiago (2005a): "Para a história do português brasileiro: lote cuiabano", em Mourivaldo Santiago de Almeida / Maria Inês Pagliarini Cox (eds.), *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral, 21-28.
- Almeida, Manoel Mourivaldo Santiago de (2005b): "Ecos fonéticos-fonológicos no falar cuiabano", em Manoel Mourivaldo Santiago Almeida / Maria Inês Pagliarini Cox (eds.), *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral, 69-93.
- Amaral, Marisa Porto do (2002). "A síncope das proparoxítonas: uma regra variável", em Leda Bisol / Cláudia Brescascini (eds.), *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 99-126.
- Andrade, Carolina Queiroz (2015): *A fala brasiliense: origem e expansão do uso do pronome tu*. Brasília: Universidade de Brasília. Tese de doutorado inédita.
- Araujo, Silvana Silva de Farias (2012): "A concordância verbal e sua importância para os estudos sobre a formação do português brasileiro", *Papia* 22(1), 91-110.
- Barbosa, Adriana de Oliveira (2002): *Brasilienses e a ideia do não-sotaque no processo de formação da identidade linguística*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de mestrado inédita.
- Bechara, Evanildo (1999): *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris (1985): *The urbanization of rural dialect speakers – A sociolinguistic study in Brazil*. New York: Cambridge University Press.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris (2011): *Do campo para a cidade – Estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola.
- Braga, Franklim Costa (1971): *Quadrázais – etnografia e linguagem*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica inédita.
- Calmon, Elba Nusa (2010): *Ponte da Passagem: você e cê transitando na fala de Vitória*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Dissertação de mestrado inédita. (<http://linguistica.ufes.br/pos-graduacao/PPGEL>)
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso (2002 [1970]): *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Campos Júnior, Heitor da Silva (2011): *A variação morfosintática do artigo definido na capital capixaba*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Dissertação de mestrado inédita. (<http://linguistica.ufes.br/pos-graduacao/PPGEL>)
- Cardoso, Caroline Rodrigues (2005): *Concordância verbal no indivíduo: um confronto entre o linguístico e o estilístico*. Brasília: Universidade de Brasília. Dissertação de mestrado inédita.
- Coelho, Rafael Ferreira (2006): *É nós na fita! Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana (O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo)*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado inédita. (<http://docslide.com.br/documents/rafael-ferreira-coelho-nois-na-fita-variacao-linguistica-na-periferia-paulistana.html>)
- Cox, Maria Inês Pagliarini (2005): "O rotacismo no falar cuiabano: a potência da voz mameluca em uma variedade do português brasileiro", em Manoel Mourivaldo Santiago Almeida / Maria Inês Pagliarini Cox (eds.), *Vozes cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral, 95-113.
- Cruz, Maria Luísa Segura da (1991): *O falar de Odeleite*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Barbosa & Xavier.
- Dettoni, Raquel do Vale (2003): *A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da Baixada Cuiabá – Mato Grosso*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Tese de doutorado inédita.
- Foeger, Camila (2014): *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Dissertação de mestrado inédita. (<http://linguistica.ufes.br/pos-graduacao/PPGEL>)
- Labov, William (1972): *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Labov, William (1994): *Principles of linguistic change: Internal factors*. Oxford: Blackwell.
- Labov, William (2001): *Principles of linguistic change: Social factors*. Massachusetts: Blackwell.
- Lopes, Célia R. dos Santos (2001): "O percurso de a gente em tempo real de longa duração", em *Para a história do português brasileiro. Vol. II, Tomo I – Primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 127-148.

- Lopes, Célia R. dos Santos (2003): *A inserção de "a gente" no quadro pronominal do português*, Madrid: Iberoamericana.
- Lucchesi, Dante / Alan Baxter / Jorge Augusto Alves da Silva (2009): "A concordância verbal", em Dante Lucchesi / Alan Baxter / Ilza Ribeiro (eds.), *O português afro-brasileiro*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 331-371.
- Mattos, Shirley Eliany Rocha (2013): *Goiás na primeira pessoa do plural*. Brasília: Universidade de Brasília. Tese de doutorado inédita. (<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13064>)
- Mendonça, Alexandre Kronemberger (2010): *NÓS e A GENTE em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Dissertação de mestrado inédita. (<http://linguistica.ufes.br/pos-graduacao/PPGEL>)
- Naro, Anthony Julius / Eclair Görski / Eulália Fernandes (1999): "Change without change", *Language Variation and Change* 11, 197-211.
- Naro, Anthony Julius et al. (2017): "Linguistic and social embedding of variable concord with 1st plural nós 'we' in Brazilian Portuguese", em Pilar Barbosa / Maria da Conceição de Paiva / Celeste Rodrigues (eds.), *Studies on variation in Portuguese*. Amsterdam: John Benjamins, 219-231. DOI: 10.1075/iHLL.14.09nar
- Naro, Anthony Julius / Scherre, Maria Marta Pereira (2013): "Remodeling the age variable: number concord in Brazilian Portuguese", *Language Variation and Change* 25, 1-15. Doi: 10.1017/S0954394512000269.
- Omena, Nelize Pires de (1996): "A referência à primeira pessoa do plural", em Giselle M. de Oliveira e Silva / Maria Marta Pereira Scherre (eds.), *Padrões sociolinguísticos: Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 183-216.
- Omena, Nelize Pires de (2003): "A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?", em Maria Conceição Paiva / Maria Eugênia Lamoglia Duarte (eds.), *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda, 83-60.
- Omena, Nelize Pires de / Braga, Maria Luiza (1996): "A gente está se gramaticalizando?", em Alzira Tavares de Macedo et al. (eds.), *Varição e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 75-83.
- Oushiro, Livia (2015): *Identidade na pluralidade – Avaliação, produção e percepção na cidade de São Paulo*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Tese de doutorado inédita. (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-15062015-104952/pt-br.php>)
- Pacheco, Cíntia da Silva (2010): *Padrões sociolinguísticos da concordância de gênero na baixada cuiabana*. Brasília: Universidade de Brasília. Dissertação de mestrado inédita.
- Prandi, Maria Rosa (2005): *Concordância verbal no ensino fundamental: traços sociolinguísticos na fronteira Brasil-Paraguai*. Brasília: Universidade de Brasília. Dissertação de mestrado inédita. (<http://www.ppgl.unb.br/ppgl/catalogos/dissertacoes>)
- Rodrigues, Ângela Cecília de S. (1987): *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Universidade de São Paulo, São Paulo, Tese de doutorado inédita.
- Rodrigues, Ângela Cecília S. (2007): "Concordância verbal, sociolinguística e história do português brasileiro", *Fórum linguístico*, 4(1), 115-145.
- Rubio, Cássio Florêncio (2012): *Padrões de concordância verbal e alternância pronominal no português brasileiro e português europeu: Um estudo comparativo*. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Sankoff, David (1988a): "Sociolinguistics and syntactic variation", em Frederic Newmeyer (ed.), *Linguistics: the Cambridge Survey. IV Language: the socio-cultural context*. Cambridge: Cambridge University Press, 140-161.
- Sankoff, David (1988b): "Variable rules", em Ulrich Ammon / Norbert Dittmar / Klaus J. Matheier (eds.), *Sociolinguistics: An international handbook of the science of language and society*, vol. 2. Berlin: Walter de Gruyter, 984-998.
- Sankoff, David / Sali Tagliamonte / Eric Smith (2005): *Goldvarb X: A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. (http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref)
- Scherre, Maria Marta Pereira et al. (2014): "Concord without concord: 1st plural pronoun nós 'we' in Brazilian Portuguese". Comunicação apresentada no *NWAV 43*, 25 de outubro. Chicago: University of Illinois at Urbana-Champaign / University of Illinois at Chicago.
- Scherre, Maria Marta Pereira / Anthony Julius Naro (2014): "Sociolinguistic correlates of negative evaluation: Variable concord in Rio de Janeiro", *Language Variation and Change* 26, 331-357. Doi: 10.1017/S0954394514000143.
- Scherre, Maria Marta Pereira / Alzira Verthein Tavares de Macedo (2000): "Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -S pós-vocálico no Rio de Janeiro", em Maria Cecília Mollica / Mário Eduardo Martelotta (eds.), *Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações FL / UFRJ, 52-64.

- Seara, Izabel C. (2000): "A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana", *Organon* 14(28-29), 179-194.
- Silva, Thäis Cristófaró. (2009): *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto.
- Tagliamonte, Sali A. (2012): *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Malden: Wiley-Blackwell.
- Vianna, Juliana Segada / Célia Regina dos Santos Lopes (2015): "Variação dos pronomes nós e a gente", en Marco Antonio Martins / Jussara Abraçado (eds.), *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 109-131.
- Weinreich, Uriel / William Labov / Marvin I. Herzog (1968): "Empirical foundations for theory of language change", en Paul Lehmann / Yakov Malkiel (eds.), *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 95-188.
- Yacovenco, Lilian Coutinho *et al.* (2012): "Projeto PortVix: a fala de Vitória/ES em cena", *Alfa: Revista de Linguística* 56(2), 771 - 806.
- Zilles, Ana M. S. (2005): "The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese", *Language Variation and Change* 17, 19-53. Doi: 10.1017/S0954394505050027
- Zilles, Ana M. S / Leonardo Z. Maya / Karine Q. Silva (2000): "A concordância verbal com a primeira pessoa do plural", *Organon* 14(28-29), 195-219.